



Second Life

O Senado da República está muito doente. Não resistiu ao trauma provocado pelo julgamento em plenário de seu presidente, Renan Calheiros. Agora, dividido entre vitoriosos envergonhados e derrotados enfurecidos, alterna momentos de depressão com surtos de euforia e alucinação. Está bipolar e tem que ser levado urgentemente ao divã para uma análise de caráter emergencial. Quem vai primeiro?

Podem ser os quarenta enrustidos que votaram pela absolvição de Renan, mas não têm coragem de assumir. Estão abaladíssimos. Com exceção de uns poucos que talvez pudessem ser diagnosticados como exibicionistas típicos – Gilvam Borges, Wellington Salgado, Almeida Lima –, a maioria precisa urgentemente de ajuda profissional para sair do armário. Por quê? Talvez por causa daqueles sonhos em que aparecem nas manchetes de jornal e nos noticiários de TV no lugar de Renan. É o medo da opinião pública, a sensação de que fizeram alguma coisa errada, mamãe vai descobrir daqui a pouco e castigá-los. Daí o desejo da maioria dessa turma de se afastar do objeto que lembra seus traumas – no caso, o próprio Renan, que estão loucos para convencer a tirar umas férias ou licença. Quem sabe assim dormiriam melhor.

Faltou coragem à maioria dos que votaram a favor da absolvição para mostrar suas motivações. Tirando os amigos e aliados diretos de Renan, uns poucos tiveram saúde mental para explicar o porquê de sua atitude. Francisco Dornelles, por exemplo, foi lá e assumiu, inclusive depois do julgamento, quando a maioria correu do trauma e foi pegar seu avião. Quem não se assume vive em constante tormento e às vezes se torna até mitômano, como mostrou a enquete pós-absolvição da *Folha de S. Paulo* em que 45 senadores declararam ter votado pela cassação – que só teve 35 votos. Têm 10 aí em estado tão grave que mereceriam internação numa casa de repouso. Ou então cassação, já que mentir, todo mundo sabe, não é só falta de saúde mental. É de decoro também.

O principal, porém, é que os senadores que salvaram o mandato de Renan não querem encarar as consequências de seus atos no dia seguinte. Ou seja, se mantiveram Renan na presidência do Senado, aí

está Renan para presidir sessão, fazer reunião, brigar com a oposição, ir ao Planalto etc. Ao pressionar o senador para que peça licença ou tire férias, seus aliados vivem uma espécie de surto psicótico, tentando criar um mundo cor-de-rosa sem Renan mas com as mesmas forças políticas comandando o Senado, ainda que provisoriamente. Realidade que, obviamente, não existe.

Do outro lado, porém, os 35 que votaram pela cassação não estão em melhor estado mental. Sua reação inicial à derrota foi tão destemperada que o serviço médico do Senado deveria ter ficado na porta do plenário distribuindo Lexotan. Muita raiva, ressentimento e decepção no caso de alguns, que não conseguiram tolerar a frustração de não conseguir chegar perto de seu objeto de desejo: a presidência do Senado, naturalmente. A partir daí, como criancinhas contrariadas, resolveram espalhar as peças do jogo que o coleguinha venceu. E contestar uma decisão que, mal ou bem, foi tomada pela instituição. Problemas com autoridade.

Já outros oposicionistas não ficaram tão chateados assim quanto fizeram questão de mostrar frente às câmeras de TV (todos eles, sem exceção, têm uma pontinha de exibicionismo). Esses apenas fingiram estar muito zangados, com o claro objetivo de jogar para a platéia. Mas isso também é uma espécie de neurose que merece ser analisada no divã.

A principal patologia que acomete hoje os oposicionistas, porém, é mais complexa. Seria um estado de ilusão coletiva que lhes tirou o contato com a dura realidade e a capacidade de analisar friamente as situações. Ao prometer bloquear os trabalhos do Senado até que seu presidente se afaste com a obstrução da pauta, esquecem-se do fiasco que foi sua última ameaça de obstrução – que fracassou no auge da crise, quando Renan era alvo diário de denúncias as mais variadas. Com a oposição "em obstrução", votou-se a medida provisória que rolava as dívidas agrícolas, a mudança no Fundo de Participação dos Municípios e diversas outras matérias. A ameaça de derrubar a CPMF por causa do presidente do Senado também soa inconsequente, já que as posições a esse respeito há muito começam a se desenhar: os democratas contra por razões ideológicas e os tucanos divididos entre os que defendem oposição acirrada e os governadores que pensam na Presidência da República.

Mas a estratégia e o comportamento do DEM, de parte do PSDB e de outros setores mostra que talvez eles estejam vivendo numa espécie de mundo paralelo ou virtual, um *Second Life* em que os senadores seriam avatares e teriam votado de outra forma, de acordo com o que desejava a opinião pública. Nesse mundo, o avatar Renan teria sido cassado. Mas não foi, a imagem do Senado poucas vezes foi tão ruim e o que a Casa menos precisa agora é passar a idéia de que perdeu o juízo.

E-mail: helenachagas@jornaldebrasilia.com.br